RAMADA CURTO

TEATRO

RECOMPENSA

Peça em 3 actos

3.ª Edição

Tip. da Emprêsa Nacional de Publicidade

RAMADA CURTO

RECOMPENSA

PEÇA EM TRÊS ACTOS

3.ª edição

Edição da Emprêsa Nacional de Publicidade
Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

RECOMPENSA

PERSONAGENS

MARIA DA GRAÇA	30 anos	
MARIANA	60 »	
TERESA	25 »	
MÓNICA	80 »	
ELVIRA	20 »	
CRIADA	—	
GUILHERME	70 »	
JOSÉ	62 »	
MANUEL	32 »	
JOSÉ DA CONCEIÇÃO	40 »	
GUSTAVO	28 »	
MAQUINISTA	40 »	
TIO ROBERTO	65 »	
APRENDIZ	18 »	
MESTRE JOAQUIM	65 »	
1.º OPERÁRIO	—	
2.º OPERÁRIO	—	

Numa região fabril junto a um rio — Primeiro e segundo actos em casa de Guilherme de Sousa. Terceiro acto no hall duma fábrica.

Actualidade

PRIMEIRO ACTO

Uma sala na casa de residência da família de Guilherme de Sousa, junto da sua grande fábrica de tecidos. É uma quadra ampla, mobilada com luxo e elegância. O F. é todo ocupado por um largo terraço praticável, de que se vê a balaüstrada de pedra. Do terraço desce-se por uma curta escada a um dos lados. Fundo distante de árvores, a mancha de um rio e chaminés de fábrica.

Ao levantar do pano é manhã.

CENA I

GRAÇA E CRIADA

(Estão junto duma mesa pequena, sôbre a qual está uma bandeja com um serviço de pequeno almôço).

CRIADA

V. Ex.ª não quere um bocadinho de doce? Nem estes bolos que são dos que gosta tanto?

GRAÇA

(Pousando uma chávena sôbre a bandeja, limpa a bôca a um pequeno guardanapo) Não. Não quero mais nada. Tira-me a vontade de almoçar, como pouco, e o senhor diz-me a gracinha do costume: que eu não como para emmagrecer.

CRIADA

V. Ex.ª não precisa...

GRAÇA

E que precisasse! Era o que faltava, se eu passava fome para não perder a elegância.

CRIADA

Há senhoras que fazem isso.

GRAÇA

Há. E até adoecem. Nunca ouviste dizer que ninguém é pobre senão de juízo? *(Indica a bandeja)* Podes levar... *(À criada que vai a sair)* Ouve... É preciso mandar à Firmina, aquela operária que tem as pequenitas gémeas...

CRIADA

(Atalhando) Bem sei, minha senhora.

GRAÇA

...Os casaquitos de malha que estão embrulhados em cima do meu «toilette». O porteiro que vá lá.

CRIADA

Sim, minha senhora...

GRAÇA

E que, de caminho, passe por casa do rapaz que teve o desastre, a saber como êle está. Se o médico lá foi outra vez, e o que disse... *(Ouve-se um apito de fábrica, ao longe. Vai ao F. a olhar para fora)* É o terceiro sinal, já?

CRIADA

Não, minha senhora, é o segundo.

GRAÇA

Não parece... Ou entrou muita gente ao primeiro, ou reservam-se para o último... Parece-me muito menos gente do que o costume... Habitualmente, basta-me ver quem está a entrar para saber que sinal é. Ao primeiro, é quási tudo mulheres e velhos... Ao segundo já é mais misturado... Mulheres e homens de meia idade... Ao último são só, quási só, os rapazes e raparigas. Já reparaste?

CRIADA

A gente nova é mais calaceira...

GRAÇA

Talvez... Mas hoje, não sei porquê, acho a entrada diferente... Bom. Não te esqueças do que te recomendei.

CRIADA

Não esqueço, minha senhora. *(Sai)*.

CENA II

GRAÇA E MANUEL

GRAÇA

(Um momento só, continua a olhar para fora. Com um sorriso) Aqueles conhecem-me, coitados! *(Acena para fora)* Adeus... Bom dia! *(Manuel entra à E., vê Graça, vem por trás dela, pé ante pé, tapa-lhe os olhos com as mãos. Graça numa surprêsa, risonha)* Ah! Já adivinhei! Pronto... És tu...

MANUEL

(Risonho, tira-lhe a mão dos olhos) O galo da manhã! *(Dão um longo beijo)* Não te senti levantar... Eu gosto que tu me acordes... Assim, envergonhas-me, madrugadora...

GRAÇA

Dormias tão bem. Nem davas pelo sol que te batia na cara...

MANUEL

Dorminhoco, então?... E tu matinal, como uma cotovia...

GRAÇA

(Risonha) Como uma operária que tem de entrar para o trabalho... Ficou-me o hábito.

MANUEL

E não o esqueces?

GRAÇA

Ainda me parece ter sido só ontem que mudei! E já lá vão onze anos! Temos um filho de dez! Eu entrei para a fábrica tinha doze... *(Ouve-se outra vez o apito)* É o terceiro sinal!... Durante nove anos, quando se ouvia êste apito, já eu estava diante do tear, a começar a minha tarefa... São nove anos de hábito, bem vês, e de hábitos de infância.

MANUEL

Parece que lamentas não estar lá ainda...

GRAÇA

(Com muita ternura) Tonto... *(Beija-o)* Vou

chamar-te o nome de que tu não gostas, de castigo por isso que disseste: patrão Manuel.

MANUEL

Ainda sou?

GRAÇA

Não! És mais... És o senhor. Da minha alma, do meu corpo, da minha pessoa tôda...

MANUEL

Porquê?

GRAÇA

Porque gosto de ti, porque te adoro... Meu marido... *(Abraçam-se)* Meu amor...

MANUEL

Ah! Assim, sim... *(Outro tom)* Mas decididamente, com essa tua mania de te levantares à hora da entrada do pessoal, vou propor a meu pai que te dê salário... Sabes que eu, quando acordo, gosto de te ver a meu lado... Abro os olhos, procuro-te, não te vejo... Fico com a impressão de que me fugiste...

GRAÇA

Que queres?! Desculpa-me... Quando, como agora, aqui venho passar uns dias, gosto de os ver entrar, coitados... É bonito... São tantos, tan-

tos!... E, depois, tu não podes ver êsse espectáculo com os mesmos olhos que eu. Bem vês: eu sei o que êles pensam, o que êles querem, o que êles desejam, o que êles sofrem... Ah, não tenhas ciúmes, não te roubam nada, Manuel! Tu, às vezes, não me dizes que gostas de ver os garotos entrar para a escola, que há em Lisboa, em frente da nossa casa, com os livros apertados numa correia, de calções, as pernitas à mostra? E gostas, porque te recordam quando eras como êles... A minha escola foi aquela... Simplesmente eu não levava livros... Os meus livros eram estes — as minhas mãos...

MANUEL

(Afagando-lhe as mãos) Tão macias, tão finas... tão bonitas...

GRAÇA

Talvez... porque tu as mandaste tratar...

MANUEL

Ah, bom! Não fôssem elas de si lindas, que não havia tratamento que as fizesse como são...

GRAÇA

(Rindo) Mãos de senhora...

MANUEL

Duma senhora — como não há muitas!

GRAÇA

Lisonjeiro... Foste tu que a fizeste também, a essa senhora. Os melhores professores, os maiores cuidados, os maiores requintes... Tu foste um escultor, sabes? Eu fui o barro — que tu moldaste.

MANUEL

Graça, não fôsse o barro dessa qualidade...

GRAÇA

O barro é mais ou menos todo igual... Da minha parte o que conta foi a minha vontade, o meu orgulho, o meu amor!... O que *eu quis* cá de dentro, ferozmente, com tôda a minha alma! Para te merecer, para que tu vencesses em mim, para que tu nunca te arrependesses do sério, alto, grande amor, que me deste... O que eu às vezes chorava e me afligia com mêdo de não conseguir... E consegui, dize, consegui? Manuel, não estás arrependido?

MANUEL

Orgulhoso, dize antes! Eu hoje é que, quando te vejo, às vezes, entre outras mulheres, mais bela do que as outras...

GRAÇA

Não digas...

MANUEL

Mais bela, mais espirituosa, mais inteligente...

GRAÇA

Não é verdade! Não é verdade!

MANUEL

(Com fôrça) Ofuscando-as a tôdas, metendo-as num chinelo, como se costuma dizer, eu, à vezes, é que digo: Que fiz eu, a-final, para merecer isto? Porque gostaste tu de mim, Graça?

GRAÇA

Obrigada... Tu és bom! Eu é que não merecia isto da vida... Não falo do confôrto, da opulência que me deste. Falo da felicidade íntima, do prazer de me sentir amada, e, por fim, do filho que Deus nos deu ...Tu não sentes, dize, que foi nisso que a vida foi pródiga para nós? Tu, perdoa. Manuel, às vezes, chego a pensar que tu podes ter ciúmes do muito que eu lhe quero...

MANUEL

Não tenho! É natural... Eu também sinto a mesma coisa... O nosso rapagão! Esperto, ladino, forte!... Custa-me a tê-lo longe, no colégio... Mas é para bem dele...

GRAÇA

Para ser um homem... Consola-me que já, velhinhos ambos, havemos de o ver nesta casa, a dirigir a fábrica, a fazer prosperar tudo com o seu talento, com a sua iniciativa e com a sua bondade, como o teu pai, como o teu avô... Adorado por todos!... É o meu sonho!...

MANUEL

(Comovido) E o meu... *(Olham-se, caem nos braços um do outro)* Graça! Havemos de ver, está certa!... Meu amor!

CENA III

MESMOS E DR. GUILHERME

GUILHERME

(Entra à D., pára um momento vendo-os abraçados; risonho) Vamos; já aqui estou há um minuto e êsse espectáculo só se tolera no cinema...

GRAÇA

(Rindo) Tem razão... Que vergonha!

MANUEL

Bons dias, meu pai!... Desculpe...

GUILHERME

Bons dias, rapaz...

GRAÇA

Acha-nos ridículos, não é verdade?

GUILHERME

Não, Graça... Acho bem. O amor é uma alta e bela coisa. E eu estou grato, porque êle é meu filho e tu deste-lhe a felicidade. Vocês já são casados há...

GRAÇA

Onze anos, pai!...

GUILHERME

É isso, é... No meu tempo, quando um homem e uma mulher se casavam — era para a vida tôda... Era muito sério... Creio que hoje não se pensa assim...

MANUEL

(Rindo) Ah! não... Em onze anos, hoje, há tempo para várias experiências matrimoniais

GUILHERME

Eu sou doutros tempos... Cheguei às bodas de ouro com tua mãe, que Deus lá tem... Foi a minha única experiência... E crucial — pela muita

felicidade que me deu... E pela profunda saüdade que me deixou...

MANUEL

(Indo junto dele) Vamos... Que hás-de tu fazer?... *(Outro tom)* Confessa que te enganaste, *(Indica com o olhar Graça)* que ela é digna de ti, de mim... Tiveste tanto mêdo, confessa... Tu, que és um espírito tão justo, uma inteligência tão alta, deixaste-te ir um bocadinho atrás dos preconceitos, do espírito de casta...

GUILHERME

(Protestando) Não é verdade, isso! Não gosto que o digas — porque não foi assim... Preconceitos, de quê? De sangue? Meu avô e teu bisavô, antes de montar a sua primeira fabriqueta, andava com um machinho, carregado de fazendas, pelas feiras, a vender... A nobreza da nossa gente é igual à da tua mulher... De resto, essas coisas são ridículas... Preconceitos de fortuna? São mais que ridículos êsses, porque são odiosos... Os outros ainda podem revestir um certo idealismo. Estes, nenhum...

MANUEL

No entanto...

GUILHERME

No entanto, nada!... Ouve, Graça: tu não acredites que, na alma dêste pobre velho que te quere

muito, se pudessem ter abrigado essa idéias mesquinhas... Confesso-te que houve uma coisa de que tive mêdo... Do conflito de duas educações, dois meios diferentes... Pensei que para êste grande diabo de filho, o seu casamento fôsse apenas um capricho — que fizesse depois a infelicidade duma pobre rapariga e a dele... Pensei que êle tivesse feito uma má acção e tu, minha filha, um mau negócio... E foi por isso que me retraí um pouco, a princípio...

GRAÇA

Eu sei isso tudo, pai! Deixe-o falar...

GUILHERME

Quando soube que vocês estavam em Paris e receei que não tivessem dinheiro, mandei logo pôr às ordens do teu marido, dez mil francos... Que eu não lembro isto para que mo agradeçam.

GRAÇA

(A Manuel, baixo) Não digas isso que o enervas! E é uma injustiça...

MANUEL

Ó pai, olha que isto foi a brincar...